

FEB

Vou ao Ministério da Guerra e tenho um assunto a tratar na Secção Especial da FEB. Mais uma vez sou testemunha da presteza e cortezia com que seus funcionários atendem as partes; testemunha e beneficiário. Mas enquanto espero o despacho de meu requerimento, presto atenção a um rapaz mal vestido, um ex-pracinha, que expõe o seu caso. Pretende não sei o que para a mulher, pois é casado e tem dois filhos. E conta: trabalha no Restaurante dos Estudantes do SAPS e ganha 650 cruzeiros por mês. Tem direito a uma gratificação mensal de 160 cruzeiros se durante o mês não faltar um só dia ao serviço, mesmo levando atestado médico.

Não perguntei a esse rapaz como ele faz para viver. Também não quero perguntar a ninguém, neste país maravilhoso, como é que uma autarquia pode pagar a um trabalhador a metade do salário mínimo que qualquer patrão particular, por mais modesto, é obrigado a pagar. O poder público em nosso país perde o respeito de si mesmo com essas incongruências e com essas misérias.

Quando entro para falar ao major Araken, ele me acusa de nunca ter feito nada pela Associação dos Ex-Combatentes, nem sequer ter jamais ido lá. Não fui porque não me considero, e não sou, um ex-combatente, mas apenas um ex-correspondente. Sempre me acharia lá um pouco na posição de sapo de tora, ou de nós, laranjas. Mas é impossível não pensar com melancolia e revolta no caso daquele rapaz que fez a guerra e hoje é um pai de família a ganhar 650 cruzeiros por mês.

Prometo ao major Araken escrever alguma coisa sobre a campanha feita pela Associação para que o maior número possível de brasileiros concorra com dez centavos para o envio de flores de nossa terra para o túmulo dos rapazes enterrados em Pistoia. Esse dinheiro humilde deve ser coletado nas escolas, clubes e associações, e por eles enviado à Associação dos Ex-Combatentes, avenida Augusto Severo, 4, Rio. É claro que seria fácil obter o dinheiro para essas flores com o governo ou com os próprios recursos da Associação. Mas não é pelo dinheiro, é pela lembrança que eles estão pedindo.

Essa lembrança para aqueles mortos que morreram para que este mundo não fosse ainda pior teve envolver também os outros: os que voltaram com o corpo ou o espírito prejudicados para a vida normal, e os que os azares da sorte e a ferocidade de nossos desajustes sociais jogaram na miséria, depois das emoções e homenagens do retorno.

Não quero privilégios para os homens da FEB. Mas é preciso pensar que um país tamanho, que mandou a guerra apenas uns 25 mil homens, tem para com eles uma dívida maior que aqueles países em que praticamente todos os homens válidos serviram na guerra. O mesmo diria sobre a Aeronáutica, a Marinha de Guerra e a Marinha Mercante, esta última especialmente sacrificada e esquecida.

O rapaz dos 650 cruzeiros tinha o ar de um derrotado. Ele ganhou a guerra na Europa — mas perdeu a paz no Brasil, esta terrível paz que é feita de mil silenciosas batalhas entre o sofrimento e a injustiça, entre a arrogância dos grandes negociastas e a miséria dos verdadeiros trabalhadores.

14/10/58
R. B.